

Aqueles que invejam a independência ignoram que ela pode ser feita de escravidão contínua.

ANO V — N.º 108
MARÇO
10
1 9 5 7

AVENÇA

A Voz do ALGARVE



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
FARO
Telefone 154

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
LOULÉ
Telefone 216

Problemas do Algarve

O Figo industrial

NÃO é só no domínio da falta de transportes ou da falta de melhoramentos a que o Algarve se julga com direito, que os algarvios têm de lamentar o alheamento a que estão votados nas esferas superiores.

Outros problemas candentes se desenrolam que afectam gravemente a economia regional.

Está nesse caso o do consumo do figo industrial em flagrante contraste com a protecção dispensada ao da área de Torres Novas, cuja absorção está garantida, ao preço fixado, pelos industriais do alcool daquela região.

Parece, desta maneira, que o Algarve é uma província fora da jurisdição metropolitana, embora nela incorporada para efeitos fiscais e contribuição de receitas gerais de que o Estado não pode prescindir.

Não é possível acreditar que nas esferas superiores se não lance um olhar misericordioso para tal situação, que põe em risco muitos interesses, não só do Comércio como também da própria Lavoura.

Existem presentemente armazenados cerca de 200.000 arrobas de figo industrial, a maior parte em mãos dos

Apropósitos

Elogio do barroco

NÃO é por mero acaso ou coincidência que esta nossa querida Pátria lusitana viu florescer o estilo chamado barroco. Sabido é que só em nossos dias os historiadores das artes têm valorizado devidamente este estilo cuja característica fundamental é, como se não ignora, o gosto pelo pormenor, o culto do ornato, o dar-se maior importância ao floreado decorativo do que propriamente à estrutura. É o estilo dos séculos 17 e 18 e mesmo dos começos do 19. Mas é de notar que na literatura se cultivou, paticamente, sempre este estilo barroco, mostrando-se sempre os nossos literatos — até mesmo a Camões — amigos dos jogos e malbarismos de palavras. Não admira que, no século romântico, em que floriu a retórica, o gongorismo barroco, digamos constituição portuguesa, se tenha manifestado sob a forma da oratória.

Os tempos mudam, mudam os costumes, a arte de falar em público deixou de

A Central Eléctrica não atende o telefone

Queixam-se muitas pessoas de que precisando de colocar-se um fusível exterior, tocam para a Central Eléctrica, a reclamar um empregado e não respondem.

Se for de noite, então nem pensar nisso. Ora se só quem pode tocar na rede é o pessoal da Empresa — no nosso caso, da Camara — temos de concluir que, a quem suceda o percalço de se fundir um fusível exterior, tem de ficar sem luz embora tenha uma pessoa doente ou um serviço importante a fazer.

Os serviços municipais e, estes, da agua e luz, são serviços de laboração contínua, de utilidade pública e tem de estar ao serviço do consumidor. Tem de estar preparados para qualquer emergência e não podem estar à mercê do sacrifício ou prejuízo de quem deles carece.

Casa do Algarve

RECEBEMOS o Relatório da Gerência desta prestante colectividade regionalista e por ele nos foi dado avaliar da sua brilhante actividade no ano que findou.

No Sector Cultural, registou-se a realização de várias conferências culturais.

O Algarve de sempre

ESTAMOS de parabéns porque a C. P. resolveu estabelecer uma carreira de automotoras entre o Algarve e Lisboa, com um horário que se pode considerar bom. Oxalá tal melhoramento se mantenha, e tenha a garanti a segurança e comodidade, como noutros pontos do País, onde as linhas estão sólidas e as curvas não obrigam a cotovelada. Supomos que as carreiras terão rendimento assegurado, porquanto a automotora não tem as exigências dum comboio, e os passageiros hão-de chegar em número para cobrir todos os encargos.

Pedinhamos, choramingamos até quebrar a resistência da Administração da C. P.. Se o choradinho surtisse o mesmo efeito, era a altura de carpir as Caldas de Monchique, cujo estado de aproveitamento é mais simbólico que outra coisa, de pedirmos a instalação do campo de aviação projectado em Faro, a arborização da serra e aproveitamento dos sapais, etc.

Efectua-se hoje, de tarde, em Loulé, um imponente desfile de 40 carros alegóricos



Tourada — curioso carro alegórico da Batalha de Flores de 1957 que hoje desfilará pela nossa Avenida e que causou sensação no cortejo de segunda-feira

Diajantes ilustres

EM meados de Fevereiro esteve nesta vila, aonde veio visitar o Dr. Manuel Cabegadas, o sr. Arthur Haulot, comissário geral do Turismo Belga que, em viagem particular, passou alguns dias no nosso País.

Mr. Haulot, que apenas conta 43 anos, é uma das pessoas mais em evidência no turismo mundial e a ele deve a Bélgica a presidência da Comissão Europeia de Turismo desde há alguns anos. Jornalista desde os 18 anos, tem desempenhado diversos e elevados cargos políticos no seu País, ao lado de intensa e prolífica actividade poética. A cabeça de um movimento clandestino de resistência foi preso em 1941 e passou pelos campos de concentração de Mauthausen e Dachau, às ordens da Gestapo, o que lhe valeu a Cruz de Prisioneiro Político com 7 estrelas e a Medalha da Resistência, possuindo várias outras condecorações belgas, francesas, italianas, luxemburguesas e checo-eslovacas, entre as quais a Legião de Honra, Cruz de Guerra com palmas, etc.

Especialista em problemas turísticos, visitou os arredores desta

(Continuação na 2.ª página)

- 1.º Abertura por bandas de música e girândolas de foguetes;
- 2.º — Desfile de Carros Alegóricos;
- 3.º Eleição da Rainha das Batalhas de Flores de 1957;
- 4.º — Corridinho, a prémio, entre os Ranchos Infantis de Alte e Parragil, para disputa de taças e medalhas para o melhor conjunto e par;
- 5.º — Eleição do melhor traje de fantasia;
- 6.º — Leitura e proclamação dos 3 primeiros classificados do IV Concurso de Piropos, para atribuição de taça e medalhas.

Carreiras extraordinárias de camionetas e automotoras

É porque não... ..um Cine Clube?

Por João F. Manjua Leal

Decididamente esta grande realidade que dia a dia se agiganta, este movimento didático-cultural, que é o cineclubismo, veio preencher uma lacuna, bem como abrir perspectivas largas e horizontes abertos, com um duplo móbil.

Primeiramente a questão, toma um carácter objectivo, como factor benéfico da grande massa, na heterogeneidade do público anónimo. E então, surge naturalmente a formação duma plateia consciente, definindo o seu querer, pelo aplauso a um escol definido, de acordo com a obra dos seus conhecimentos. Na subjectividade do caso, cada cineclubista é um aluno e um mestre, pois nesta duplicidade de actividades, mais não se relevam do que afinal todo o valor do movimento: o aprender pela análise, a verificação prática dos anatematos ministrados.

(Conclue no próximo número)

Ainda as ligações com Lisboa em automotoras

AO assinalarmos o triunfo dos algarvios na luta pelas ligações directas Lisboa-Algarve, esquecemos referir o nome de um algarvio que, discreta mas insistentemente, deu apoio à acção desenvolvida pela Casa do Algarve em Lisboa junto da C. P. — o major de engenharia Mário Costa, administrador delegado desta organização ferroviária.

Não será bem classificado como a nossa 5.ª coluna dentro da C. P., mas sabemos que, dentro das suas possibilidades e das atribuições do seu cargo sempre tem pugnado pela melhoria das ligações ferroviárias com o sul do País e por isso quando se fizer o «processo histórico» deste histórico acontecimento, o nome do major Mário Costa, nosso ilustre comprovinciano, terá de figurar entre aqueles a quem o Algarve tem de render homenagem de gratidão.

Loulé... em retrato ou ecos do Carnaval

NO sábado fez-se a experiência das instalações sonoras, que este ano eram tão vibrantes que atroavam os ares e zumbiam nos ouvidos.

O pior foi que essa experiência durou pela noite afóra com um reportório de Rock and Roll, marchinhas brasileiras, e uma salgalhada de experiências amadoras que ia do fado da taberna ao toque de gaita de beijos. E a locução era um primor!

Aquela hora da noite ainda se dirigia aos forasteiros:

— Venham ver as Batalhas de Flores de Loulé!
— Srs. forasteiros! Não deixem de vir a Loulé, ver as melhores Batalhas de Flores do mundo!

Ora era de raciocinar que os forasteiros que já cá estavam era para verem a Batalha e os outros que poderiam vir, estavam fora da esfera de acção dos alto-falantes.

Domingo gordo, embora enevado, proporcionou uma manhã enxuta e era de esperar que a tarde assim estivesse. Por isso co-

meçaram a acorrer excursões, automóveis e gente de todos os lados.

Que grande romaria de forasteiros! Tudo se preparava para ser um grande dia de Batalha e de rendimento para a Santa Casa da Misericórdia. Montou-se toda a organização, instalaram-se postos de venda de serpentinas e confetti. Tudo estava a postos!

Mas a música dos alto-falantes desafiava a chuva com a insistente marchinha brasileira: «Eu estava peneirando...» E tanto abusaram dela que começou a «peneirar».

Segunda-feira gorda, apareceu com céu enevado mas deixando entrever as suas clareiras, onde um sol mortuário, por vezes, queria mostrar-se.

Nada fazia prever a bela tarde que se preparou. Até o sol veio dar brilho à festa. Parecia que uma alma nova entrara no coração de todos os louletanos!

E a festa desenvolveu-se em todo o seu esplendor. Belos carros, lindas raparigas, entusiasmo no combate, ale-

(Continuação na 4.ª página)



Arco Iris — outro original carro alegórico que também foi particularmente apreciado no corso da passada 2.ª feira

11 MAR 1957

Não compre

Móveis ou adornos

para o seu lar

sem que tenha apreciado a grande exposição da casa

HORÁCIO PINTO GAGO

(antiga firma PINTO & PEREIRA)

Avenida José da Costa Mealha - LOULÉ

MOBÍLIAS - ESTOFOS - TAPEÇARIAS

Agente do famoso produto **SYNTECO** (que resolve o problema do encerramento periódico)

Preços fora da concorrência



Casa do Algarve

(Continuação da 1.ª página)

raís e de propaganda do Algarve a publicação de vários trabalhos monográficos e de estudo etnográfico, um concurso de quadras sobre o Algarve e o patrocínio de uma exposição de uma artista algarvia.

No Sector Turístico, promoveram-se excursões de intercâmbio regionalista e ao túmulo de S. Gonçalo de Lagos, em Torres Vedras, saraus folclóricos e intervenções junto da C. P. para consegimento da melhoria de lig. ções ferroviárias para o Algarve.

No Sector da Assistência, também foi notável a actividade desta simpática organização, distribuindo donativos diversos aos algarvios pobres residentes em Lisboa, auxiliando estudantes pobres e distribuindo um largo socorro pelo Natal.

Refere-se ainda o Relatório às representações feitas ao Governo, para a criação da Escola de Artes e Ofícios, de Loulé e outros melhoramentos para o Algarve, aos trabalhos de preparação do III Congresso Regional e Jardim Escola João de Deus, aos melhoramentos feitos na Sede, movimento associativo e outros assuntos.

Este Relatório foi aprovado em Assembleia Geral de 28 de Fevereiro último e regista os votos de louvor aprovados à Imprensa, à Rádio, à F. N. A. T. e aos Organismos que prestaram a sua colaboração àquela benfazeja Agremiação.

Professora

Com o curso do Magistério Primário, diploma de Ensino particular e vários anos de prática, habilita para admissão ao Liceu.

Nesta redacção se informa.

Parteira

Enfermeira - Puericultora. Av. José da Costa Mealha, 38 - LOULÉ.

Para os seus seguros PREFIRA «MUNDIAL»

O maior organismo segurador português

Seguros em todos os ramos

Agente em Loulé

José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

Subscrição para o Carnaval de Loulé

Transporte	11.097\$00
D. Rosa Maria Matos Correia - S. Brás.	30\$00
D. Francisca Maria Engrácia - S. Brás	50\$00
Joaquim Santos Correia - Lisboa	100\$00
Francisco João Luz Clara - Lisboa	150\$00
António Ferreira da Trindade - Lisboa	150\$00
D. Maria Teresa Pereira Machado - S. Brás	50\$00
Humberto José Pacheco - Lisboa	100\$00
Victor de Brito Soares - Campinas-Faro	50\$00
Teolinda Rosa Eusébio Caiado - Alhos Vedros	100\$00
Alfredo Ramos Rocha - Lisboa	100\$00
Instituto Pasteur Lisboa - Lisboa	500\$00
C. E. A. L. - Loulé	1.000\$00
Arnaldo Moreira de Rocha Brito - Lisboa	300\$00
Fernando Moitinho d'Almeida - Lisboa	50\$00
D. Maria Gabrita Mascarenhas - Albufeira	250\$00
José Maria dos Santos - Olhão	50\$00
Carlos Moitinho d'Almeida - Lisboa	50\$00
Coronel José Maria Pontes Rodrigues - Lisboa	50\$00
D. Maria Gabriela de S. Piçarra - Lisboa	50\$00
Eng. Mário Monteiro de Macedo - Lisboa	100\$00
José de Sousa Gomes - África Ocidental	150\$00
Dr. Matos Proença - S. Brás de Alportel	100\$00
Subscrição aberta no sítio da Nave do Barão e entregue pelo sr. António Viegas Sarmiento	702\$50
Manuel Alves Couto - Lisboa	100\$00
Coronel Carlos Manuel Teixeira Malheiro - Lisboa	100\$00
Coronel Manuel de Sousa Rosal - Lisboa	100\$00
D. Gabriela Sancho Barreiros - S. Brás	200\$00
Joaquim Gonçalves Rocheta - Angola	200\$00
José Joaquim - S. Brás	100\$00
Manuel Eusébio Rodrigues - U. S. A. - 10 dólares	286\$00
Ilda Nogueira	50\$00
Francisco Alfacinha - Torrão	500\$00
Diamantino Azevedo	200\$00
Dr. Aires de Lemos Tavares - Loulé	100\$00
Francisco Serra	100\$00
Joaquim Laginha - Alferrarede	50\$00
João Tomé dos Reis	50\$00
José Calisto Grosso - Monte Seco	50\$00
A Transportar	17.515\$50

Apropósitos

(Continuação da 1.ª página)

cultivar-se com a mesma intensidade. E, por razões, que não vale a pena indicar, raro se pratica com o brilho de outras eras.

Mas, nem por isso, so mos menos gulosos de ouvir falar. Já o Eça o dizia, pela boca irónica do azougado João da Ega: «nós os meridionais por mais críticos, gostamos do palavreadinho. Eu cá pelo menos, à noite, com mulheres, luzes, um piano e gente de casaca, pelo-me por um bocadinho de retórica».

Claro que no nosso tempo, em que a casaca também tende a desaparecer, a retóricazinha que entusiasma o Ega ainda tem admiradores.

Mas vai ela evoluindo e tomando aspectos e formas características. Deixou de ser mais ou menos espontânea e improvisada. Agora é escrita e aparentemente pensada. Porém não foge aos vícios do cliché batido e rebatido, aos lugares-comuns do referido chá de Tolentino.

E tudo isto vem a propósito e sem o mínimo intuito de ofender, como escuso de repetir, das reportagens faladas — algumas supponho que lidas — dos nossos barrocos locutores da rádio durante a histórica visita de Isabel de Inglaterra ao nosso País. Estilo tão portuguêsmente barroco e retórico como o de muitos jornalistas que

relataram por escrito o grande acontecimento.

E como não havia a nossa boa gente portuguesa deixar de entusiasmar-se pela simpatiquíssima visitante se todos, mais ou menos clara ou disfarçadamente, mesmo sem sair de casa, nos pusemos a ouvir a retórica barroca das reportagens da rádio?

É que, nós os portugueses, gostamos do palavreadinho. Cada um de nós é como o João da Ega: pelo-menos todos por um bocadinho de retórica.

Não, leitor amigo, não é por mero acaso ou coincidência que esta nossa querida terra de Portugal viu — e vê — florescer o estilo barroco, o estilo do florido decorativo, o estilo da aparência brilhante do fogo de artifício. O fogo de artifício que também é arte nossa e, por assim dizer, a quinta essência do barroco.

Joaquim Magalhães

VENDE-SE

No sítio de Vale da Rosa, Cruz de Assumada, uma propriedade com alfarrobeiras, figueiras, amendoeiras e oliveiras e casa de habitação com cisterna. Preço—90.000\$00.

Quem pretender dirija-se a José Mestre, Pensão Joaquina das 12 h. às 14 h..

Diajantes ilustres

(Continuação da 1.ª página)

vila e o hospital que, segundo confessou e mais tarde exprimiu por escrito, lhe deixaram a melhor impressão a vila e arredores pelo seu pitoresco e o hospital pelo seu apetrechamento e ambiente.

O ilustre viajante classificou as instalações hospitalares de Loulé entre as melhores que, na sua categoria, lhe tem sido dado observar e igualmente apreciou e achou muito expressivo o monumento a Duarte Pacheco.

Também lhe mereceram encontros os trabalhos de cobre de José Barracha, cuja oficina visitou.

Não podemos deixar de sentir algum orgulho pela apreciação favorável de coisas louletanas por quem, com a autoridade do sr. Haulot, é mestre na matéria.

Acompanharam Mr. Haulot o sr. Mouliders, comissário geral do Turismo Belga para a Península Ibérica e sua esposa.



Automóveis

e todos os veículos motorizados Para compra ou venda tratar com Basilio do Nascimento.

Rua da Barbacã, 24 - LOULÉ.

Vinginha Santo António e Eduardino

Vinhos, Areias, Branco corado e tipo bugelas

As melhores qualidades

VENDE

M. Brito da Mana

Telefone 18 LOULÉ

Rafael Almeida Santos

R. DIOGO CÃO, 20 - ÉVORA

Trata de toda a documentação para AUTOMÓVEIS, MOTORISTAS

e candidatos a CONDUTORES



A AGÊNCIA MAIS CONHECIDA NO SUL DO PAÍS

TELEFONES Escritório 2206 Residência 2768

Casa de Saúde «Dr. António Frade»

LOULÉ

Direcção Clínica de: Dr. Manuel Cabeçadas

DR. MANUEL CABEÇADAS

Doenças cirúrgicas e operações

Consultas todos os dias úteis às 15 horas

DR. ALVES VALLADARES

Doenças de nariz ouvidos e garganta

Consultas aos 1. e 3.º sábados de cada mês

Dr. Teodoro de Sousa Pedro Anestesiologista

TELEFONE 52

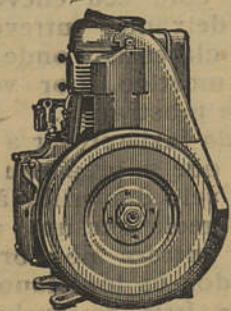
LOULÉ

Motores Diesel «SENDLING»

de 2/5 H. P.

Arrefecidos por ar

A última palavra da Indústria Alemã especialmente indicados para grupos MOTO-BOMBA



Agente geral no Algarve

José de Sousa Pedro

Rua 5 d'Outubro, 29 a 33

LOULÉ

Pensão Alentejana

Largo da Trindade, 16

Telefone: 23084

LISBOA

Com nova gerência e completamente remodelada, esta pensão, situada no melhor local da cidade, dispõe de magníficos aposentos e óptimo serviço de mesa

Preferi-la é ter a certeza de ficar bem servido Preços convidativos

O Algarve de sempre

(Continuação da 1.ª página)

tudo, à parte a indústria de conservas de peixe, o que é que temos avançado? — Estamos pegados aos sorianos de Cachopo, aos sapatos mal-acabados de Loulé, às esteiras de palma espalhadas por uma vasta zona. No fim, tudo manual, tudo engelhado, tudo primitivo. Será por que o Algaivio tem menos habilidade ou menos arte do que o nortenho ou o do Centro? — Não. O que ele não quer é arriscar, e como não tem espírito associativo vai-se contentando com aquilo que os pais lhe deixaram, numa tradição que ameaça eternizar-se. Se há um mais arrojado que se lance num ramo de comércio ou de indústria fora do usual, os outros despertam em derredor, e atiram-se todos ao mesmo, acabando por e-tragar tudo. Nisso só revelam falta de iniciativa e falta de visão. A empresa também não se cria porque não há confiança no parceiro.

E já agora vamos citar um facto que, além de ruinoso para todo o Algarve, é deprimente no seu significado pejorativo: somos os maiores produtores de figos do País, quer em qualidade, quer em quantidade; era natural que os aproveitássemos sob todos os aspectos. Pois não; uns senhores de Torres Novas, a pretexto de qualquer bugiganga, lançaram-lhes a mão e... para cá amigo, que você não os sabe industrializar. Ainda se o fizessem com condições insofismáveis de preço e obrigatoriedade de aceitação, o caso seria tolerável. Mas não, a abrigatoriedade é só nossa; eles, os aceitantes, procedem à maneira dos senhores feudais: em enchendo a vasilha fazem alto.

Feitos os devidos confrontos, o Algarve vive hoje aquela agricultura do tempo dos Cruzados, e quase só dela vive; se alguma coisa temos a mais, são as variadas pragas de insectos que, para desgraça nossa, vão corroendo os pomares, picando a azeitona e destruindo a figueira. Quando tudo estiver consumado, pegamos na trouxa e pedimos um passaporte colectivo para qualquer parte do mundo. Cá estamos outra vez no verbo pedir, na pedincha, eu peço, tu pedes, ele pede, etc.

Arranca Mealha e viva o Carnaval em Loulé!...

J. G. P.

Mais moeda metálica

Foi publicado um decreto que eleva os limites de emissão de moeda divisionária das espécies de dez e vinte centavos e de um escudo, respectivamente para 12, 13 e 30 mil escudos.

Aos Senhores

Livros de recibos para rendas de casas, vendem-se na Gráfica Louletana

MOTORES Terrestres e Marítimos

A PETRÓLEO - A GASÓLEO

das melhores marcas e aos melhores preços

Em exposição no estabelecimento

DE José Reinaldo Gomes Pacheco

R. Ferreira Neto, 23 - Telef. 490

F A R O

Auto-Eléctrica Louletana

Tudo para electricidade e rádios de automóveis

Reparações de instalações eléctricas em todos os veículos motorizados

Bobinagem de dínamos, feita em 6 horas, com 6 meses de garantia

Motores industriais

Para reparações em quaisquer motores eléctricos, será do interesse de V. Ex.ª não deixar de consultar os preços da

Auto-Eléctrica Louletana

Rua Eng.ª Duarte Pacheco, 117 Telef. 239 LOULÉ

Chamadas a qualquer hora à residência:

RUA GONÇALVES ZARCO, 6

Brito & Vargues, L.^{da}

Séde em Loulé

Por escritura de 2 de Março de 1957, exarada nas notas da secção a cargo do notário da Secretaria Notarial de Loulé, Licenciado João Alves Maria, foi constituída entre José de Brito Júnior e José Moreno Vargues, uma sociedade de comercial por quotas de responsabilidade limitada, a qual será regida pelos artigos seguintes:

1.º A sociedade adopta a firma Brito & Vargues, Lda, e tem a sua sede em Loulé e o seu estabelecimento na rua 5 de Outubro, n.º 63.

2.º O seu objectivo é o ramo de comércio de motores agrícolas, óleos e insecticidas ou qualquer outro que resolva explorar, excepto o bancário.

3.º A sua duração é por tempo indeterminado e o seu começo contar-se-á desde hoje.

4.º O capital social é de 10 000\$00, em numerário, integralmente realizado, para o qual cada um dos sócios subscreviu uma quota de 5 000\$00.

5.º A gerência da sociedade fica confiada a ambos os sócios, com o uso da firma e dispensa de caução, bastando a assinatura de um deles para obrigar a, mas o exercício da gerência por parte do sócio José Moreno Vargues só principiará depois do mesmo deixar de exercer funções públicas.

6.º Fica vedado aos gerentes o uso da firma em fianças, abonações, letras de favor e mais actos ou documentos estranhos aos negócios sociais.

7.º A cessão de quotas a estranhos dependerá do con-

sentimento dos sócios não cedentes.

8.º Os balanços encerrar-se-ão em 31 de Dezembro de cada ano e os lucros líquidos por eles apurados, divididos a percentagem de 5 % para formação ou reintegração do fundo de reserva legal, ou os prejuízos, serão divididos ou suportados pelos sócios, na proporção das suas quotas.

9.º As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de 8 dias, salvo se a lei determinar outra forma de convocação.

10.º Esta sociedade apenas se dissolverá nos casos e termos legais.

11.º No omissio regularão as disposições legais aplicáveis.

Loulé, 6 de Março de 1957

O notário,

José Alves Maria

Ecos de Querença

Reina grande satisfação neste povo por a Câmara Municipal de Loulé, se ter interessado por que seja criado nesta freguesia um Posto Médico e construído um edifício para a Escola com 2 salas. O actual encontra-se muito arruinado e por isso a sua substituição é urgente.—C.

NÃO COMPRE
Motores Eléctricos,
Diesel e a Petróleo
sem primeiro visitar o
STAND
de José de Sousa Pedro
Rua 5 de Outubro, 29 a 33
LOULÉ

Transportes de Carga Louletana, L.^{da}



Largo Tenente Cabecadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

Rua de S. Mamede, 24 D. (ao Caldas)

Telefone 22437

Todos os assuntos relacionados com esta firma só podem ser tratados com

Pires ou Sousa

Problemas do Algarve

(Continuação da 1.ª página)

legal estabelecido é praticamente impeditivo de a destilação se fazer nas pequenas destilarias algarvias porque a saída da aguardente só é permitida em garrafas de 1 litro. Por este modo se impediu o lavrador algarvio de alimentar o seu gado com os resíduos do fígado destilado.

Ora se isto é assim, parece lógico que as entidades autorizadas a superintender no fabrico e distribuição do alcool, sejam incumbidas de absorver o fígado que não pode por outros ser aproveitado e que está condenado a pura perda, sem benefício para ninguém, se providências rápidas não forem adoptadas.

Há dois anos que se instalou no Algoz uma fábrica de destilação pertencente no todo ou em parte ao agrupamento dos destiladores do Norte.

Todos os algarvios rejubilaram porque viam nessa iniciativa uma garantia de que ao fígado industrial do Algarve seria dispensado o mesmo tratamento proteccionista do das outras regiões.

A NOSSA ESTANTE

Saúde e Lar

O número de Fevereiro, desta revista que a Editora Atlântico apresenta mensalmente, "em prol de uma vida física e moralmente saudável", contém artigos de interesse geral, como habitualmente os números anteriores copiosos e selectos colaboração subscrita por médicos e higienistas nacionais e estrangeiros, de que destacamos: "A febre da velocidade", "A energia nuclear os sofrimentos do homem", "A curiosidade da criança", "A gripe", "Filosofia da vida".

Novela-Filmes

Desta colecção simpática, útil e económica, a que já nos temos referido e recomendado aos nossos leitores especialmente aos que, por qualquer circunstância não podem assistir aos filmes e queiram ter uma ideia dos mesmos, acabamos de receber, mercê da amabilidade de "Produções António Feio" o n.º 3 intitulado "Desde que ele partiu" e que é a novelização do filme do mesmo nome e de que são protagonistas Gabriele Ferzetti, Constance Smith e Fausto Tozzi.

«PARA TI»

COM a habitual regularidade recebemos mais um número desta magnífica revista de bordados que se publica em Lisboa sob a competente e criteriosa direcção da sr.ª D. Sofia Coelho Nascimento.

Excelente revista de carácter feminino e como tal muito merecidamente apreciada, mantém ainda o atractivo de um concurso mensal, com valiosos prémios, a que todos ficam habilitados só com o simples acto da compra.

Pedidos à Agência Internacional — Rua de S. Nicolau, 119 — Lisboa.

Certamente que tal instalação e a sua autorização correspondiam a um fim de utilidade nacional, pois não pode admitir-se que as esferas oficiais colaborassem em qualquer acto que envolvesse sofisma de não permitir que outros se dedicassem à mesma indústria.

O que se verifica, porém, é que tal iniciativa não tem correspondido a tais expectativas, pois aquela fábrica não só não tem trabalhado intensamente, de forma a absorver a produção de fígado, como também terá sido um elemento de perturbação, não observando os preços legalmente estabelecidos.

Dizem nos que tal fábrica não tem obrigação de laborar. Mas então quais são as suas obrigações em face dos direitos que lhe foram concedidos e da legislação que praticamente impede o trabalho de outros destiladores e o trânsito da aguardente para fora da província?

Por hoje apenas este enunciado dum grave problema que diz respeito à província do Algarve e que decerto merecerá a cuidadosa atenção de S. Ex.ª o Ministro da Economia, para quem apelamos em defesa da economia desta laboriosa província.

B. G.



Agência em LOULÉ
Laginha & Ramos, Lda
Telefone 69

CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação. Junto à estrada de S. Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo — Loulé.

EXCURSÕES DE 17 A 20 DE ABRIL

Uma linda viagem a SEVILHA pela SEMANA SANTA, assistindo às imponentes procissões de Quarta, Quinta e Sexta-feira Santas
PREÇO 150\$00 (só transporte)

DE 24 DE ABRIL A 3 DE MAIO

Com visita a SEVILHA, CÓRDOBA, GRANADA, MÁLAGA, GIBRALTAR, ALGECIRAS, TANGER, assistindo à tradicional FEIRA DE SEVILHA, e visita a ARACENA (Gruta das Maravilhas)

PREÇO 350\$00 (só transporte)

Programas, informações e inscrições

AGÊNCIA PENINSULAR

Direcção de: M. Arcanjo Viegas

Rua Conselheiro Bivar, 58

Tel. 216

FARO

Aos louletanos

espalhados pelo Mundo...

Constantemente recebemos de conterrâneos ou de pessoas ausentes—mas que, de algum modo, passaram ou ligaram a sua vida a Loulé e que hoje residem no País, no Ultramar ou no Estrangeiro—cartas, notícias, pedidos, expressão de votos ou desejos a que desejaríamos dar publicidade.

Sempre repassadas de viva saudade pela Pátria ou terra que não esqueceram, são peças, por vezes, do mais firme, puro e acendrado patriotismo ou bairrismo, no bom sentido do termo.

Merecem ser conhecidas, pela expressão de virtude que as ditou, pelo espírito de afectuosidade que representam.

Vamos, pois, criar uma secção que, se os nossos amigos ausentes quizerem, terá um interesse jornalístico curioso e ao mesmo tempo simpático. Vamos criar uma secção intitulada:

Cartas que vêm de longe...

Há, porém, que contar com um factor que é essencial e num jornal de província e semanário não pode deixar de ser levado em conta. É a falta de espaço com que, por ve-

zes, lutamos. Por isso pedimos a atenção dos nossos futuros correspondentes para os seguintes pormenores:

a) — Não devem, ser muito extensas as cartas que nos dirigirem;

b) — Não devem magoar-se se, de alguma delas, extractarmos apenas alguns períodos;

c) — Não devem admirar-se se, entre a data da carta e a da publicação, mediar grande espaço de tempo, pois, se, no mesmo correio, recebermos 4 ou 5 cartas, terão de esperar a sua vez.

E agora ficamos à espera. Será certamente mais um elo a vincular entre presentes e ausentes, uma saudade e uma amizade que tudo nos anima a cultivar.

R. P.

Se deseja

comprar máquinas industriais e agrícolas, visite o Stand de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 — LOULÉ

Farmácia MADEIRA

Direcção técnica de: Manuel C. Madeira

Avenida Marçal Pacheco, 74 a 78

(Em frente do Hospital)

TELEFONE 71

LOULÉ

Especialidades nacionais e estrangeiras

PRODUTOS QUÍMICOS

SUBSTÂNCIAS MEDICINAIS

ACESSÓRIOS

PERFUMARIAS, ETC..

Produtos destinados à higiene e à profilaxia

boas como no tempo em que a tua velhota ainda saltava e pulava. Olha, não é por me gabar, mas o meu pai já tem dito e redito que, se eu continuar assim, venho a ser tal qual a minha falecida mãe, e tu sabes que ela tinha indiscutível direito à fama que conquistou, de autêntica dona de casa. Cevados tão pesados como o meu pai os levou o ano passado, nunca apareceram no mercado. Até o magarefe lhe disse muitas vezes que gostava de conhecer a rapariga que os tratou. E a mocidade masculina também tem muito que se lhe diga: Digam-me por amor de Deus o que há a fazer desses ociosos, sentados pelas tabernas, de chapéu tombado sobre a orelha, e com uns olhos arregalados como portas de cidade, sobre todas as fedúncias, sobre todas as serresmas e todas as marafonas que passam e os arrastam atrás de si, a farejar como cães? Nem outra coisa sabem fazer; e quando se quer que um muja uma vaca ou lavre um campo «Tó ruça»; e quando lhe põem na mão a rapariga dum arado, então fazem-se tão burros como um senhor ou como um escrivão. Para mim não quero nenhum homem, senão quando souber ao certo como me posso dar com ele; e ainda que um ou outro possa vir a dar um lavrador, mesmo assim fica-se sem saber muito tempo que espécie de pessoa ele virá a ser.

Tudo riu com vontade e os dichotes saltitaram de todos os lados até fazer ruborizar a madrinha. «Mas afinal quanto tempo pensará ela que é preciso para pôr o bicho homem à prova, até se ter a certeza plena sobre que espécie de homem ele vem a ser?»

E foi assim entre risos e graças que se foi avançando na carne, sem esquecer os bocadinhos de péra doce em forma de jarro, até que o padrinho velho disse que lhe parecia que era boa altura de se levantarem da mesa, para que as pernas não entorpecessem ali debaixo, e que

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 8

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do alemão por E. Rocha Gomes

uma cachimbadela nunca soube tão bem como depois de se ter comido bastante carne. Este alvitre obteve o aplauso geral, embora a dona da casa fôsse dizendo que não era necessário afastar da mesa por tão pouco, senão seria difícil reunir toda a gente outra vez. «Não te aflijas com isso, prima», respondeu o velhote; «se puzeres uma coisa boa na mesa, aqui nos tens todos outra vez sem custo nenhum, e se descansarmos um pouco tanto melhor depois lhe faremos as honras devidas».

Os homens foram agora dar uma volta pelos estábulos, passaram uma vista de olhos pelo tecto para ver se ainda havia lá feno antigo, elogiaram o viço da erva e olharam através das ramagens das árvores, para fazer ideia de quais seriam as bênçãos a esperar delas.

Debaixo duma árvore ainda florida, o primo fez alto e lembrou que aquele era um bom sítio para acamparem e deitarem as suas fumaças; estava ali muito fresco e, se as mulheres arranjassem outra vez alguma coisa boa, estava-se ali mais à mão.

Não tardou que a dona da casa se juntasse ao grupo, após ter visitado com as amigas o jardim e o pomar. Depois veio a madrinha e o resto das mulheres, e uma após outra foram-se sentando sobre a relva, pondo cautelosamente em segurança a elegante blusinha de ver a

Deus, ao mesmo tempo que iam afastando do perigo as saias de vermelho berrante, que poderiam levar consigo vestígios das verdes ervas.

Aquela árvore à volta da qual toda a sociedade descansava, estava do lado de cima da casa, num declive suave do monte; e a primeira coisa que logo ali saltava à vista, era a linda moradia do anfitrião; por cima dela, lá muito para diante, os raios visuais resvalavam pela orla oposta do vale sobre granjas que rebrilhavam, e mais para lá, entre colinas que se diluam, vales sombrios.

«Tu tens aqui uma casa magnífica e um terreno que se presta para tudo», dizia o velho padrinho e primo; «até me custa a crer como há quem se agente tanto tempo numa casa velha, tendo dinheiro e madeira suficiente para construções: vós, por exemplo». «Não faça troça, primo», atalhou o avô; — «não há razão para jactâncias, nem duma nem doutra coisa, e além disso, isto de construções é sempre o diabo. Sabe-se como se começa mas nunca como se acaba, porque às vezes surge-nos qualquer coisa no andamento, que nos obriga a destruir ou a modificar o que está feito».

«A mim agrada-me muito esta casinha», dizia uma das mulheres. «Nós devíamos há muito adquirir uma, o que nos mete medo são as despesas. Mas assim que o meu marido vier, hei de trazê-lo aqui; parece-me que se pudesse ter uma casa como esta, estaria no céu. Mas eu sempre gostava que me respondessem, e não tomem isto a mal, porque é que, mesmo ao pé da primeira janela, está aquela vigia negra, que destoa tanto do resto da casa?»

O avô contraiu as feições e, puxando vagarosamente uma fumaça, esclareceu a mulher. Ao construir-se a casa faltou a madeira, e, como não havia outra à mão, aproveitou-se aquela, tirada da casa velha. «Mas, obser-

António Costa, Juiz do Tribunal das Execuções Fiscais do concelho de Loulé.

Faz saber que no dia 19 do corrente mês de Março, pelas 11 horas vai em primeira praça, á porta da Secção de Finanças do concelho de Loulé, pelo valor de 311\$00, o capital litigioso de 414\$50 de que é credora a executada firma Molduras do Norte, Lda, de Vila Nova de Gaia e devedor José d. Gória Maio, casado, fotógrafo e residente em Ru. José Fernandes Guerreiro desta vila, penhorado em mão do segundo, para pagamento de Imposto S/ Aplicação de Capitais e contribuição Industrial do ano de mil novecentos e cincoenta e seis, lançado em nome da referida firma na Execução Fiscal Administrativa que a Fazenda Nacional lhe move, como consta no processo n.º 2 de depreciação vinda do concelho de Vila Nova de Gaia, do corrente ano.

Citam-se por este meio quaisquer credores incertos ou desconhecidos.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ter a publicidade legal.

E eu, Anibal Martins Ramos e Barros, Escrivão das Execuções Fiscais, o subcrevi.

Loulé, 6 de Março de 1957
O Juiz
António Eleutério Antunes Costa

Poupe dinheiro e viaje com segurança

usando no seu automóvel

Pneus M A B O R

A' venda no Stand do Agente

José de Sousa Pedro
LOULÉ

humidade, chuvas raras e moderadas; verão quente e inverno suave; mar caricioso, banhando praias de encantos sem par; e campos alegres como jardins e fartos e saudáveis.

E perde o Algarve, porque se vê isolado e se julga esquecido — sentimentos que arrancam á alma sonhadora das suas gentes uma tristeza que se arrasta amarguradamente e empobrece a capacidade realizadora.

Um comboio rápido diário — um «rápido» que fosse realmente rápido — daria decisivo impulso ao desenvolvimento turístico da bela província. Isso mesmo tem sido insistentemente pedido.

E o Algarve espera que o seu quase isolamento termine. Mas... quase desespera — de tanto pedir e esperar...

T. A.
Agradecemos.

Notícias pessoais

Aniversários

Fazem anos em Março:

Em 13, a menina Maria Filomena Brito Carrilho Cavaco.

Em 14, a sr.ª D. Maria Odete Pinquilha do Nascimento e o menino Leopoldino Guerreiro Portela.

Em 16, o sr. Dr. Januário Severiano Daniel Reis, a menina Maria Raquel Rocheta Guerreiro Rua e a sr.ª D. Catarina Mendes Pinto Farrajota.

Em 17, as sr.ªs D. Filipa da Piedade de Rodrigues Domingues e D. Maria Elisa Marim Teixeira Cavaco e o sr. Manuel Raminhos dos Santos.

Em 18, a menina Maria José de Sousa Baptista e as sr.ªs D. Maria Valentina Guerreiro Rua Frade e D. Isabel Seita Monteiro e o sr. Eduardo Rafael Pinto Júnior, nosso assinante em Tavira.

Em 19, a menina Maria Bertini Ferro Dias, residente em Faro e o sr. José Metilho Vaz de Barros Vasques, residente em Portimão.

Partidas e chegadas

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta, o nosso ilustre conterrâneo e amigo sr. Coronel Manuel Sousa Rosal, lindimo representante do Algarve na Assembleia Nacional.

— Deu-nos o prazer da sua visita o sr. Dr. Maurício Monteiro, nosso prezado amigo e estimado colaborador, que por largos anos exerceu o cargo de Conservador do Registo Civil de Loulé, tendo sido também Presidente da Câmara Municipal e que actualmente desempenha as funções de Conservador do Registo Civil de Arroios.

— A fim de fixar residência em Loulé, já se encontra nesta, acompanhado de sua família, o nosso prezado amigo, conterrâneo e assinante sr. Virgílio Joaquim de Sousa Viegas, que assumirá as funções de regente da Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva.

— Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Dina Maria Rocha Carapeto de Vilhena Ramirez Ramos, esteve na nossa redacção o sr. Joaquim de Vilhena Ramirez Ramos, nosso prezado assinante em Ervidel.

Casamento

— Com bastante brilhantismo efectuou-se no passado dia 24 de Fevereiro, o auspicioso enlace matrimonial da sr.ª D. Ana Maria Vicente Grosso, proprietária da Fotografia «Arte», desta vila, prenda da filha do sr. João Francisco Grosso (falecido) e da sr.ª D. Ana de Jesus, com o sr. Manuel Guerreiro de Brito, funcionário Municipal, filho da sr.ª D. Maria das Dores Guerreiro e do sr. José de Brito Júnior (falecido).

A cerimónia religiosa, que teve lugar na Capela da Nossa Senhora da Boa-Hora Freguesia de S. Sebastião (Loulé) perante numerosa assistência, foi presidida pelo Rev.º P. Joaquim Palma Viegas, que fez uma conceituosa alocução alusiva ao acto.



Foram padrinhos, por parte da noiva, seu irmão sr. Francisco Viegas Grosso, industrial em Portimão, e a menina Lidia Maria das Dóres Amaro, professora de Corte e Bordados da Agência da Pfaff nesta vila e por parte do noivo, seu irmão sr. António Guerreiro de Brito e sua esposa sr.ª D. Manuela dos Santos Correia.

Em casa dos noivos foi servido um abundante «copo d'água», durante o qual foram feitos numerosos brindes. Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

Gente Nova

— No pretérito dia 24 de Fevereiro teve o seu bom sucesso, dando á luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria Manuel Seita Reis Monteiro, esposa do sr. Engenheiro Rui Romero Monteiro, nosso muito prezado amigo e assinante nesta vila.

— Num quarto particular do Hospital desta vila, teve a sua delivrança, dando á luz uma criança do sexo masculino, no dia 7 do mês passado, a sr.ª D. Maria da Piedade Farrajota Laginha Esteves, esposa do sr. José João Valério Esteves, guardalivros, nesta vila.

Aos felizes pais os nossos sinceros votos de felicidade e desejos de longa vida aos recém-nascidos.

Falecimentos

— Após longa e dolorosa doença, faleceu no dia 20 de Fevereiro, na Rua 5 de Outubro desta Vila, onde ultimamente residia, o sr. Manuel Joaquim Borges, de 77 anos de idade, casado com a sr.ª D. Isabel da Conceição Borges.

O extinto, que durante quase toda a sua vida exerceu a profissão de funileiro naquela rua, era uma figura popular. Grangeara a simpatia e o respeito de quantos o conheciam, tanto pelas suas grandes qualidades de trabalho como também pelo auxílio desinteressado que a todos prestava, dentro das suas possibilidades.

O seu funeral foi uma sentida manifestação de pesar, a que sinceramente nos associamos.

— Na sua residência, nesta vila, faleceu no dia 14 de Fevereiro, o sr. José Martins Garrocho, de 78 anos de idade, casado com a sr.ª D. Laura de Jesus Garrocho.

O extinto era pai dos srs. Manuel Martins Garrocho (falecido), António Martins Garrocho, residente na Venezuela, D. Esmeralda da Piedade Martins, moradora em Loulé e Joaquim Martins Garrocho, residente em Quarteira.

As famílias enlutadas os nossos sentidos pesamos.

Mosaico Uma iniciativa de Manuel do Nascimento

SOB a direcção literária do nosso comprouviano e amigo Manuel do Nascimento, começou a publicar-se, numa interessante edição de Fomento de Publicação Lda, Travessa do Sequeiro, 4, Lisboa, a colecção «Mosaico» que pretende ser uma antologia das melhores obras do conto e da novela. uma antologia das pequenas obras primas.

Está prometido um volume por semana, ao preço de \$300, distribuídos por quatro séries: Portugueses Clássicos, Portugueses Modernos, Estrangeiros Clássicos.

Sairam já «O cego de Landim», de Camilo Castelo Branco, «Raquel», de Erskine Caldwell e «A História de Rosa Brava» de José Regio, pequenos e simpáticos livrinhos em que a obra vem precedida de uma nota bio-bibliográfica do autor.

O nomes dos escritores já incluídos no programa de «mosaico» garantem o que o director literário pretende publicar as obras de alto nível dos melhores autores, pondo o grande público através de pequenos trabalhos, em contacto com os grandes escritores de Portugal e do Mundo.

Louvável iniciativa, vinda na hora própria em que ao público se estão a servir literáticas de fãncaria, num português mutilado e crimosamente lesa-lingua.

Fica assim, ao alcance de todas as bolsas, o convívio com os melhores escritores e, estabelecida ele com pequenas obras primas, aberto será o apetite para mais largo contacto com as obras de fundo.

LEIA!
ASSINE!
DIVULGUE
«A Voz de Loulé»

Se precisar de comprar

Um rádio
Uma panela de pressão
Um bom ferro de engomar
Uma balança «Inca»
Um fogareiro eléctrico
Uma máquina de escrever
Um fogão a gaz
Uma máquina fotográfica
Um frigorífico

Deve assegurar-se de que seja da melhor marca!!!

Shaub - Lorenz, Magicook, Jura, Inca, Pe, Royal, Castela, Agfa, Eistink

Dão-lhe inteira garantia e a sensação imediata de confiança

Vendas a pronto e com facilidades de pagamento

no Centro Comercial de Representações e Informações

de LUÍS H. S. CLEMENTE

Telefone 277 Rua da Carreira, 5 LOULÉ

Representante das melhores casas do género

Instalações eléctricas — Máquinas de barbear

BELCUT — BEL AMIE PRESTIGE

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Loulé... em retrato ou ecos do Carnaval

(Continuação de 1.ª página)

gria nas almas, satisfação em todos os rostos!

No conjunto não seria superior a muitos anos, mas tinha alguns carros de nova concepção e muito bom gosto.

Não queremos especializar mas seria injustiça não destacar três de entre eles: o da Tourada, o das Rosas e o do Arco-Iris.

Bonitos e bem trabalhados todos os outros, como sempre, mas aqueles, verdadeiramente encantadores!

Depois, para o forasteiro, que toma o espectáculo como inédito, tudo serve e é mesmo assim porque há forasteiros para todas as sensibilidade. E devemos também não esquecer que isto é um espectáculo de cor e popular.

Notas ligeiras:

Um estudante, dos muitos que aqui acorrem, contava aos outros, que tendo querido meter confeti na boca de uma loira, havia sido mordido no dedo, esbofetado e até uma madeixa de cabelos lhe arrancara!

— Aquilo não era mulher! Era aguardente com pólvora!

— Se calhar julgavas que isto tudo eram arrufadas de Coimbra!

Um outro estudante dirigindo-se a uma rapariga algarvia:

— Escreva-me um autógrafa seu, neste cartão de visita...

— Você acha-me com cara de ingenua para estrela de cinema!

Um trio de estudantes bate a determinada porta a pedir de comer...

Não pode ser, meu marido não está em casa...

A senhora nem parece algarvia!

— Pois claro que não sou. Nasci em Coimbra!

Um dos piropos que nos mostraram dizia:

Se fosses um mapa geográfico não deixaria de profundar todos os relevos dessas curvas de nível!

Alguém perguntou:

— Porque não fazem um carro figurando um casamento, com um noivo e uma noiva?

— Porque é uma coisa tão séria que ninguém se atreve a fazer com receio de que saia a sério.

Um caszinho novo, discutia indignado com o tempo:

Ela — Não podíamos ter ficado em casa!

Ele — Cala-te! Não vês que estão a gosar a gente?

Ela — E pora que é que nos casamos senão para dar barraca, quando for preciso?

Comentários favoráveis e desfavoráveis:

É terrível a mentalidade desta gente de hoje e isto não é só de Loulé, porque até nas relações internacionais se está constantemente a verificar o sintoma: «Nada está bem!»

Mas o que preciso é deitar abaixo: Para pôr melhor? Para pôr pior? Não interessa.

O que é preciso é deitar abaixo!

E não se pensa que, muitas muitas vezes, ao deitar abaixo, se perdeu muito porque já não há possibilidade de recuperar e quem sofre não é a organização, nem o sistema mas o corpo, isto é a própria terra, o próprio concelho.

Este preâmbulo aparece, porque nos últimos dias de Carnaval e no seio da Comissão nasceu a dúvida: «Quem devia fazer as festas, era a Câmara!»

E' caso para perguntar: Então para que foi que se organizou a Comissão e se tirou à Câmara e à Santa Casa, toda a iniciativa?

Para que é que se criou o Club Recreativo, das festas da Batalha de Flores que funciona na Escola Conde Ferreira, em edifício próprio? Só para conversar?

— Nos dias de Carnaval, era quase impossível fazer-se entender qualquer pessoa no recinto. A instalação sonora estava estridentíssima. Não houve um ouvido para regular o aparelho. De forma que quando alguém cantava, havia quem tapasse os ouvidos e fizesse caras feias.

Faltou a luz na 3.ª feira gorda e era pena ver os cafés cheios de forasteiros e às escuras. Tudo contribuía para tornar mais triste o ambiente.

Marcaram os bailes da Comissão das festas. Marcaram pelo brilho que tiveram, pelo que renderam, e porque reuniram os membros da Comissão. Ali já todos queriam ter a sua parte... Mas para trabalhar na Batalha, «está quieto».

Quando há um só a trabalhar, é mandão. Mas quando não há mandão, mandam todos e nenhum trabalha.

Tudo história antiga.

Reporter X

Carros alegóricos que hoje desfilarão pela Avenida José da Costa Mealha

Cisne e Jogos de Água — Santa Casa da Misericórdia de Loulé.

Passatempo — Sociedade Recreativa Artística Louletana.

Tourada — João Mendonça e Eduardo Silvestre.

Ginja — Manuel Brito da Mana.

Primavera — José João Ascensão Pa-blos.

Couraçá — M. B. B. Teixeira, Lda.

Indústria Caseira Local — Junta de Freguesia de Alte.

Lira — Sociedade Recreativa Artistas de Minerva.

Pauta Musical [Mi, Ré, Dó] — Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco.

Trem de «Espanholas» — José Galo, Bolotinha, António Fome, José Luis.

Fantoches — Joaquim Nunes (Campina de Cima).

Fonte Estilizada — Cafés, Restaurante e Pensões.

Sapato — Sindicato Nacional dos Sapateiros.

Leques e Pandeiretas — Carro de «Educacion e Descanso de Huelva».

Cruz dos Descobrimentos — Verissimo Carapeto.

Rosa Tatuada — Sociedade Recreativa Loulé-Gare.

Casa Algarvia — Sítio de Val Judeu.

Tia Anica — Junta de Freguesia de Alcanil.

Quem nasceu primeiro: «o ovo ou a Galinha?» — Junta de Freguesia de Quarteira.

Peixe — Junta de Turismo da Praia de Quarteira.

Depósito de Água — Junta de Freguesia de Boliqueime.

Cupido — Junta de Freguesia de Salir.

Lavandouro Público — Pena de Salir.

Canteiro Florido e Água — Sporting Club Atlético.

Galinha — Povo de Benafim.

Torre da Matriz — Comércio de Fazendas.

Arraial Algarvio — Povo do Paragil.

Cesta de Tulipas — Sítio da Amendoeira.

Coroa Real — Joaquim António da Silva.

Bombo — José Mora Féria.

Marquiza — Junta de Freguesia do Ameixial.

Liteira — Junta de Freguesia de Querença.

Seara de Verão (Papoilas) — Povo da Tór.

Margarina Vaqueiro — Fábrica Imperial de Margarina.

Arco Iris e Trem Dourado — Eng. José Martins Farrajota.

3 Rosas — José Guerreiro Cavaco.

Concerto — José Pedro, José Centeio, José Rosal Costa, Sebastião D. Teixeira e D. Maria de Jesus Pinto Garcia.

Jardim — Manuel Gomes.

«O Algarve precisa ser acarinhado»

CONFORME prometemos no número anterior, transcrevemos abaixo, com a devida vénia, o interessante e muito oportuno artigo que o «Diário Ilustrado» publicou no seu número de 24 p. p.

«Entretanto, trezentos quilómetros e algum esquecimento parecem ter atirado o Algarve para um isolamento incompreensível e, sob certos aspectos, absolutamente lamentável.

Nos dias que vivemos, trezentos quilómetros constituem distância sem cotação. E' já ali — eis o que apetece dizer quando se fala em tal quilometragem. A verdade, porém, é que pode ser «já ali», menos quando nos referimos á mais pequena das províncias de Portugal — ao Algarve.

E' que esses quilómetros parecem nunca mais ter fim, quer se siga por estrada, quer utilizando o caminho de ferro. Um traçado inconcebível, pouco rápido e traiçoeiro, no que se refere á ligação com Faro, por Ferreira do Alentejo, transformou a estrada num pesadelo; e de melhor fama não goza o trajecto por Santiago do Cacém, em direcção a Lagos, hoje aceitável, mas que esteve anos e anos prejudicado por um troço de dezenas de quilómetros onde a poeira ganhava direitos irrecusáveis. Fez-se a reparação, mas a fama — como todas as famas — ficou e levará anos a ser vencida pela realidade.

Por outro lado, a viagem por comboio torna-se igualmente fatigante, por demorada e incómoda. Um «correio» ronzeiro, que parte de Lisboa mal o sol se esconde e chega já manhã alta, depois de uma «pouca terra-pouca terra» que estoura os rins e a paciência; e um «semi-rápido» — dia sim, dia não — que, em relação ao «correio», só tem, praticamente, a vantagem de fazer o percurso durante o dia.

E' claro que perante tais obstáculos é preciso uma pessoa ter muita vontade de ir ao Algarve para se meter ao caminho. E, mesmo assim, pensará duas ou três vezes. E então, talvez se decida a ir para o Norte...

Perdem os turistas e perde o Algarve. Aqueles porque, apesar de tudo, a faixa do Sul merece ser vista e tem encantos que a tornam querida de quem a conhece. Encantos que resultam da perfeita harmonia dos três pontos fundamentais do turismo: clima, mar e campo. Clima temperado, pouca

SEJA ECONÓMICO

Comprando artigos confeccionados
quase pelo preço da própria fazenda

Fatos (para homem e rapaz)

Samarras (para homem e senhora)

Sobretudos - Gabardines

Canadianas - Casacos

Chapeus - Peugas - Camisas - Gravatas - Lencos

No seu próprio interesse não compre estes artigos sem consultar os preços da nova casa de

Sebastião Seruca Martins Domingues

Rua José Fernandes Guerreiro (junto ao Restaurante Conde)

TUDO MAIS BARATO!